

## DO CLUBE FECHADO À INTERVENÇÃO SOCIAL E POLÍTICA

Por Sofia Branco

Começou por ser um clube de mulheres, que também era um clube de lésbicas. Fechado sobre si próprio, era mais um espaço de entreajuda e de partilha dos efeitos da "dupla discriminação". Hoje, dez anos depois - um aniversário que hoje assinala em Lisboa -, o Clube Safo está a proceder a uma "alteração radical" na sua filosofia. A palavra de ordem é, agora, intervir. Social e politicamente.

Nasceu para atender as necessidades individuais das pessoas que o compunham, proporcionando um "meio securizante", que permitia "partilhar questões e dúvidas", recorda Eduarda Ferreira, da actual direcção do Clube Safo. Hoje, dez anos e uma centena de associadas depois, a associação pretende "reclamar direitos no conjunto da sociedade", acrescenta Isabel Bento, também dirigente.

No aniversário da sua década de existência - cuja celebração termina hoje com um jantar, fundamentalmente de e para sócias, mas aberto a toda a gente, a ter lugar na Casa do Alentejo, em Lisboa, e no qual será divulgado um CD comemorativo da associação -, o Clube Safo quer apresentar-se como uma associação "pelos direitos de todos". "Quanto mais direitos colectivos conseguir, mais direitos individuais terei", resume Eduarda Ferreira. Nesse sentido, "a visibilidade é a estratégia número um", explica, especificando: "Mais visibilidade igual a maior conhecimento igual a maior igualdade."

"Não basta estar bem dentro de quatro paredes." É nesta premissa que assenta a "alteração radical" da filosofia do Clube Safo. Em conversa com o PÚBLICO, Eduarda Ferreira e Isabel Bento traçaram as linhas dessa mudança de posicionamento. O Clube Safo não pretende ser "um clube lésbico, mas de defesa dos direitos das lésbicas". Para tal, propõe-se questionar a sociedade sobre as razões "por que a orientação sexual é tão determinante" e tentar provar como "o encerramento em caixinhas" retira liberdade aos indivíduos. "Não há lésbicas, como não há heterossexuais, mas sim uma diversidade enorme", sustenta Eduarda Ferreira. "O ideal é não termos de nos assumir, mas sermos vistas como iguais. [O ideal seria] Que a orientação sexual fizesse parte da dimensão humana, como termos cabelos loiros ou olhos castanhos", compara.

### "Dupla discriminação"

Sobre a evolução do movimento pelos direitos de lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros (LGBT), ambas as activistas reconhecem que existe uma "preponderância dos homens", que "eles são os líderes", o que atesta o sentimento da "dupla discriminação" - como mulheres e como lésbicas. E que revela o "heterossexismo que formata a sociedade". Mas, sublinham, o movimento tem evoluído e hoje há uma "estratégia de intervenção social e política comum". "Estamos unidos em torno de objectivos comuns e não por características", esclarecem.

Entre as reivindicações do Clube Safo - comuns às das outras associações LGBT - está a alteração do Código Civil no sentido de alargar o casamento a pessoas do mesmo sexo, em respeito pelo artigo 13.º da Constituição, que proíbe a discriminação com base na orientação sexual. Assunto que Eduarda Ferreira e Isabel Bento esperam ver retomado pela agenda política no período pós-referendo à despenalização do

aborto.

A criação de uma lei da identidade de género, à semelhança da recentemente aprovada em Espanha, e um "maior empenho a nível do Estado e das empresas" para acabar com a discriminação no local de trabalho constam igualmente das suas preocupações, pautadas sobretudo pela exigência de que "nenhuma lei" distinga as pessoas "com base na sua orientação sexual".

A estratégia de visibilidade pela qual o Clube Safo pretende enveredar - que resultou de um intenso debate interno "que ainda está em curso", realça Isabel Bento - não implica, porém, que se deixe de prestar um serviço de entreaajuda às lésbicas que precisem de apoio, até porque "a discriminação social e familiar continua".

Na era pré-Clube Safo, as lésbicas expressavam-se apenas em forma de revistas, de fabrico caseiro, com uma "distribuição quase secreta" e muitas vezes refugiadas no anonimato, recorda Eduarda Ferreira. A Organa e a Lilás fizeram parte desse universo anterior a 1996, que "não era propriamente um movimento organizado". Já a Zona Livre, actual revista do Clube, que começou a ser publicada em Setembro de 1997, pretende ser "um reflexo da actividade da associação".